

## **Escrever de baixo: arte, infâncias, estágios, rupturas**

Conhecemos muitas histórias de estágio em escolas com péssimos desfechos. Usualmente, o estagiário é aquela figura que não é professor, não é aluno (não ali, pelo menos), não pai, mãe... enfim, faz estágio aquela pessoa que, de algum modo, deixa de ser quase tudo para ser apenas isso: o/a estagiário/a.

Poder-se-ia falar, com isso, das políticas de formação docente e tecer todo um conjunto de críticas pertinentes. E, contudo, não o faremos. Antes, optamos por falar de certa baixeza que esse lugar carrega. Uma baixeza política e cheia de afirmação de vida.

Porque o estagiário, tal qual a criança e a arte, parecem ocupar um lugar curioso em nossa situação política: nenhum deles tem uma “função” bem definida, todos estão na beira do precipício e podem ser cooptados por forças políticas e econômicas maiores. E isso, talvez, é o ponto mais curioso para os três pontos que aqui reunimos: arte, infância e estágio se encontram para produzir rupturas nos modos de estar nas escolas.

Ao longo do primeiro semestre de 2019, a professora Margarete Sacht Goés realizou a disciplina de estágio supervisionado com a turma de artes visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. O foco da disciplina são as instituições de Educação Infantil e, assim, graduandos do curso foram colocados nesse lugar sem muitas definições que chamamos de “estágio”.

O que se segue nessa edição especial da revista são justamente relatórios desses encontros tão inesperados entre arte, criança e os corpos-sem-lugar dos estagiários.

Por isso, decerto, tratam-se de escritas feitas por baixo, feitas no chão ou mesmo *sob* o chão. Se a figura do estagiário é já e sempre representada por um ponto de interrogação, também a arte, em uma época tão preocupada com o pragmatismo e com a funcionalidade do mundo (ROSEIRO; SILVA, 2018), é levada a uma série de questionamentos sobre sua utilidade.

A isso podemos dizer apenas: é preciso tempo! Não buscar as utilidades, mas sentir as vibrações, as mudanças, transitar entre os lugares sem medo de nos prolongar em inutilidades. Escrever por baixo, viver embaixo.

Para experienciar a junção arte, estágio e criança, é preciso reconhecer que ambos os conceitos estão e estarão sempre em processo de transformação e que, necessariamente, precisarão de um espaço-tempo que não corresponde ao tempo *chrónos*. O estágio não acaba quando aquele corpo deixa a escola, assim como a criança não morre ao virar adulta. Os

tempos são muito mais difusos e, por vezes, é possível vê-los como que em um efeito caleidoscópico. E, por isso, essas categorias estarão sempre contra o maquinário da governamentalidade.

Escreve-se por baixo para produzir rupturas no chão.

Abrindo a edição e produzindo a primeira ruptura, Heitor Amorim e Margarete Goés apresentam a metamorfose da própria arte, fazendo explorações em sua linha histórica com o intuito de explorar sensorialmente as possibilidades artísticas com crianças na Educação Infantil, apresentando, assim, artistas como Frans Post, Tarsila do Amaral, Kazimir Malevich, Liubov Popova, Lygia Pape e Lygia Clark. Cheio de imagens e de experimentações das crianças, o artigo aponta para a importância do ato de ressignificar a arte e de colocá-la numa relação de vivência e brincadeira com as crianças.

Yurie Yaginuma, no segundo artigo dessa edição, faz de alguns versos de Manoel de Barros inspiração para falar de uma arte e um modo de se relacionar com o chão, com o que produzimos sob nossos pés. Assim, em uma articulação entre a *land art*, a arte efêmera e a instalação, a autora discute não apenas modos artísticos de ocupar o mundo a partir daquilo que nele encontramos como também modos de nos lembrarmos do chão da escola, da vida concreta do trabalho com a docência.

Já no artigo “Da quadradeza da caixa de areia às experiências do/no ensino da Arte na Educação Infantil”, Aislane Gomes aborda o uso das “caixas de areia” nas Unidades de Ensino de Educação Infantil, explorando a areia enquanto recurso e suporte para a produção de arte efêmera. Diante da própria efemeridade desse modo de arte que rui de um segundo para o outro, as crianças põem-se a brincar e se dizem “não mais bebês”, dizendo compreender que as ações podem ser transformadas inesperadamente.

Em seguida, Mariana Teixeira traz seu relato junto a crianças do Grupo 3 da Educação Infantil no texto intitulado “Arte contemporânea: experiências estéticas com Dennis Oppenheim”. Em sua escrita, deparamo-nos com uma versão menino-artista-da-Educação-Infantil de Dennis Oppenheim que é apresentado à turma como uma criança que gosta de desenhar. A aproximação do artista e das crianças é, logicamente, imediata. Aqui, os diálogos entre imagens e as crianças se estabelecem entre indagações, refletindo sobre diferentes propostas de vivenciar, explorar e mediar os processos de ensino aprendizagem da Arte para crianças da Educação Infantil.

Procurando vidas por entre lendas das terras capixabas, Andreia Salvador Lemker e Erika Braga Carvalho Veronez exploram um pouco do trabalho de Walter Assis com crianças do Grupo 4 de uma instituição de Educação Infantil para discutir sobre a importância do **Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica (ISSN: 1676-840X). Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. Esp., n. 1, p. 5-8 Edição Especial, 2019.

ensino da Arte. Aqui são as lendas folclóricas que ocupam o espaço do texto junto às crianças para discutir modos de registro, suas variações e os encantos desse ato. Como as autoras evidenciam, na arte é possível que as vidas se manifestem para muito além dos habituais modos de existência. Junto a pincéis, canetas, lápis, pinturas, brincadeiras, mesmo uma criança que não gosta de falar pode acabar por explorar um risco, uma mancha de tinta e mesmo um instantâneo fotográfico.

“Como fazer com que o repertório de imagens e vocabulário seja ampliado? Como trabalhar a gestualidade? A escuta? Ou mesmo a interação das crianças entre si e com os estímulos que as circundam? O que fazer para libertar e impulsionar cada ser poético em suas particularidades, ao invés de limitá-los e condicioná-los a padrões homogêneos?”. Essas são as perguntas de abertura do texto “Do som, do gesto e da cor na Educação Infantil: diálogos possíveis e necessários”, de autoria de Bianca Barbosa Ladislau. Argumentando que a Arte na Educação Básica costuma caminhar lentamente e que geralmente conta com poucos recursos, a autora explora aproximações entre os três elementos apontados em seu título para apresentá-los de maneira bem próxima à brincadeira. Por fim, o texto aponta que, no trabalho pedagógico, é necessário que se respeitem as particularidades sem, contudo, perder de vista o sentido de coletividade.

O texto “Mundos oníricos do/no ensino da Arte: os sonhos na educação infantil” abre espaço para o sonho a partir de provocações de Walter Benjamin. Partindo do princípio de que o museu nos permite sonhar, as autoras Silvia Carolina Brandão da Costa e Thamiris de Freitas Brandão apresentaram às crianças da Educação Infantil um *tour* virtual pelo museu de Salvador Dali e exploraram obras surrealistas de outros artistas junto às turmas em que frequentaram. Em seu relato, elas apontam o quanto o uso de tecnologias podem contribuir para diminuir a distância entre arte e a vida das crianças, reiterando, assim, a importância da diversificação de atividades e recursos para potencializar a imaginação das crianças.

No texto “O congo de máscaras na Educação Infantil: (Des) mascarando o ser e o saber do Brasil afro-indígena”, Julia Muniz faz conexão entre os saberes da Educação Infantil com os afro-indígenas brasileiros a partir do congo de máscaras, iniciando uma empreitada decolonial com crianças de 4 e 5 anos. Assim, o congo capixaba é apresentado tanto em sua história quanto em sua prática corporal, gestualidade e expressividade. Argumentam, por fim, que explorar temáticas e metodologias não-europeias abre possibilidades de ensino e aprendizagem não previstos pelas formações e pela educação básica tal qual a conhecemos hoje. Estamos tão próximos do congo que sequer nos lembramos dele enquanto possibilidade artística, teórica e cultural. E esse foi o objetivo do texto.

No penúltimo texto, Mariana Araújo Soares, Daniel Lucas Silva e Margarete Sacht Goés fazem uso de um recurso sempre próximo às crianças e extremamente controverso em sala de aula: as famosas histórias em quadrinhos. Aproximando obras de Roy Lichtenstein e HQs de Stan Lee, os autores buscaram investir no desenvolvimento do grafismo infantil e em formas de sensibilização sobre diferenças subjetivas e físicas. Conforme deixam claro, o trabalho com as HQs em sala foi feito de modo exploratório: foram selecionadas algumas histórias pouco usuais para as crianças e a prática de leitura não buscou enfatizar as deficiências ou diferenças singulares dos personagens, deixando com que as próprias crianças apontassem para tais cenários. Por fim, apontam que, quando colocadas em situações reais, os heróis não são ideais, desconstrói-se a imagem do ideal para criarem sujeitos concretos em todas as relações.

Por fim, o texto de Nicoló Rota propõe pensar o desenho infantil na sua relação com a experimentação, os processos criativos e a produção de sentido. Assim, a escrita argumenta que, antes de reproduzir, os desenhos infantis experimentam os materiais, os recursos disponíveis para a criação concreta da arte. Pontua, por fim, que o processo criativo está intimamente relacionado à experimentação e que é a partir daí que se produzem os sentidos dos desenhos em diálogo com a vida das crianças.

Sim, o chão sobre nossas cabeças pode ser duro, mas nossas forças não são escassas. Escrevemos de baixo, vivemos por baixo e nas baixezas fazemos festa.

Steferson Zanoni Roseiro

## Referências

ROSEIRO, Steferson Zanoni; SILVA, Sandra Kretli da. Currículos disfuncionais: inventar as lutas contra o capitalismo. **Educação & Realidade**, v. 43, p. 1115-1130, 2018.